



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

EFFLAIM NAALYEL OLIVEIRA LIMA

**UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE LECIONAR AULAS TEÓRICO-PRÁTICAS
E DE INSTRUMENTO MUSICAL NUMA IGREJA EVANGÉLICA, ENQUANTO
CURSANDO LICENCIATURA EM MÚSICA.**

RECIFE - PE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

EFFLAIM NAALYEL OLIVEIRA LIMA

**UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE LECIONAR AULAS TEÓRICO-PRÁTICAS
E DE INSTRUMENTO MUSICAL NUMA IGREJA EVANGÉLICA, ENQUANTO
CURSANDO LICENCIATURA EM MÚSICA.**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Recife, como requisito para a obtenção do título de licenciado em música.

Orientador(a): Profº. Dr. Ricardo Brafman

RECIFE – PE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Efflaim Naalyel Oliveira .

Um relato de experiência sobre lecionar aulas teórico-práticas e de instrumento musical numa igreja evangélica, enquanto cursando licenciatura em música / Efflaim Naalyel Oliveira Lima. - Recife, 2024.

50 : il., tab.

Orientador(a): Ricardo Brafman

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Música - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Ensino musical. 2. Educação . 3. Metodologias. I. Brafman , Ricardo . (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

EFFLAIM NAALYEL OLIVEIRA LIMA

**UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE LECIONAR AULAS TEÓRICO-PRÁTICAS
E DE INSTRUMENTO MUSICAL NUMA IGREJA EVANGÉLICA, ENQUANTO
CURSANDO LICENCIATURA EM MÚSICA.**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Recife, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em música.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Ricardo Brafman (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Leonardo Pellegrim Sanchez (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Sergio Ricardo de Godoy Lima (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho aos meus pais! Eloilson José e Maria Nazaré, pois foram sempre meus melhores apoiadores, obrigado por tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por tudo! Sem Ele, sei que nada disso seria possível.

A minha família, meus pais, Eloilson José de Lima e Maria Nazaré de Oliveira Lima, e minha irmã, Elisama da Paz Oliveira Lima, pelo apoio, carinho e ajuda nos momentos de dificuldade. Saibam que eu amo vocês!

Aos meus familiares em geral — tias, tios, primas e primos — muito obrigado por estarem presentes em minha vida, sempre oferecendo suporte.

Ao meu professor e orientador, Ricardo Brafman, pela paciência, ensinamentos e ajuda em momentos cruciais. Meus sinceros agradecimentos!

A todos os meus amigos, por estarem ao meu lado nos momentos tristes e felizes. Vocês são incríveis!

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar um relato de experiência do ensino de música na igreja evangélica da Assembleia de Deus, especificamente no período enquanto cursando a licenciatura em música na Universidade Federal de Pernambuco. Vem aumentando consideravelmente a procura por aulas de músicas em instituições religiosas. Para tanto, este estudo terá como caráter fundamental a descrição e a observação, abordando as características das metodologias aplicadas na escola de música da igreja, a forma como a experiência adquirida na universidade contribuiu para a ministração das aulas e as interações entre ambas. O trabalho será finalizado com as conclusões obtidas a partir dessa experiência.

Palavras-chave: Ensino musical; Educação; Metodologias.

ABSTRACT

This paper aims to present a report on the experience of teaching music at the Evangelical Church of the Assembly of God, specifically during the period when I pursued a Bachelor's Degree in Music at the Federal University of Pernambuco. There is a considerable increase in the demand for music classes in religious institutions. Therefore, this study will fundamentally focus on description and observation, addressing the characteristics of the methodologies applied in the church's music school, how the experience acquired at the university helped in the teaching of the classes, and the interactions between them. The work will conclude with the insights obtained from this experience.

Keywords: Music Education; Education, Methodologies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exercício passado em sala de aula	34
Figura 2 - Exercício proposto em sala de aula	35
Figura 3 - Exercício proposto em sala de aula	35
Figura 4 - Ditado rítmico	37
Figura 5 - Exercício melódico	37
Figura 6 - Exercício aplicado em sala de aula	39
Figura 7 - Exercício de solfejo	40
Figura 8 - Exercício do método de clarinete	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Disciplina, dia e horário em que são ofertadas as aulas na escola de música da Assembleia de Deus.

LISTA DE ABREVIACÕES

UFPE Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Motivação	13
1.2 Objetivos e Metodologia.....	14
1.3 Estrutura do trabalho e justificativa	17
1.4 Formação musical na Assembleia de Deus.....	17
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	22
2.1 Algumas metodologias da educação musical	22
2.2 Ensino coletivo de música.....	23
2.3 Ser aluno de licenciatura.....	24
2.4 Ser docente	26
3 RELATO DE EXPÊRIENCIA.....	28
3.1 A banda e a escola da igreja.....	28
3.2 Experiências como aluno de licenciatura em música.....	29
3.3 Experiências como professor na escola de música na igreja	32
3.4 Reflexões sobre a experiência como docente e discente	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

1.1 - Motivação

A motivação do presente trabalho decorre de minhas experiências diretas. Eu tive meu primeiro contato com atividades musicais no ano de 2011, aos 13 anos, quando tive interesse de ingressar na banda musical da igreja evangélica da Assembleia de Deus, da qual eu ainda faço parte. Talvez em parte devido ao fato que eu tinha primos que eram frequentadores, o grupo me chamava muito a atenção, e decidi entrar. A princípio eu passei a tocar um instrumento de percussão, o tarol (também conhecido como caixa). Hoje, funciona junto com a banda uma escola de música, porém nessa época não havia a escola.

Eu permaneci por aproximadamente dois anos tocando um ou outro instrumento de percussão. Isso mudou depois que foram disponibilizados instrumentos de sopro, dentre eles estava o clarinete, que é o meu atual instrumento. Eu nunca havia ouvido falar desse instrumento, e inicialmente ele não despertou interesse em mim. Mas quando entrou na banda uma pessoa tocando o clarinete, achei cativante sua sonoridade. Por sorte, isso coincidiu com o início do funcionamento da escola de música na igreja, e decidi aprender esse instrumento.

As aulas aconteciam aos sábados antes do ensaio. Havia aulas teóricas e aulas práticas. Eu estudei clarinete com um professor que era, na verdade, saxofonista. Ele pôde ensinar o instrumento até um certo nível, mas, para que eu pudesse avançar, precisei procurar a ajuda de um professor clarinetista. Para isso foi preciso buscar uma escola especializada em música, fora da igreja, onde fui aprovado e comecei a estudar o clarinete. Eventualmente, a banda continuava com suas aulas musicais, conforme progredi no meu instrumento, passei a dar aulas na escola da banda. Mais recentemente, decidi estudar Música no ensino superior.

No presente trabalho, eu trago um relato que trata das aulas que ministro nessa mesma escola de música de uma igreja evangélica da Assembleia de Deus. A vivência e o estímulo proporcionados aos alunos na escola da igreja são fundamentais para que busquem um maior conhecimento musical. Na escola de música da igreja, oferece-se um ensino básico, mas muitos alunos optam por continuar com os estudos, procurando, como eu fiz, escolas profissionalizantes, como conservatórios, e também

a instituições de ensino superior. No presente trabalho discuto também minhas experiências cursando Licenciatura em Música na UFPE.

O fato que um certo número de alunos da escola de música da igreja continuam seus estudos musicais, alguns inclusive buscando se profissionalizar, aponta a importância que aulas de música exerceriam em escolas regulares no Brasil, se fossem ofertadas como disciplina obrigatória. Contudo, essa infelizmente não é a realidade vigente, e muitas pessoas que querem ter um conhecimento musical, buscam outros meios de alcançar o sonho desejado. Esse foi o meu caso, e hoje curso a Licenciatura em Música. Mas eu continuo dando aulas na escola da igreja, o que me permite refletir de várias perspectivas sobre essas atividades, docente e discente. Assim, proponho a seguinte pergunta de pesquisa para a condução do presente estudo: Como foi a minha experiência de lecionar aulas na igreja da Assembleia de Deus, enquanto cursando a Licenciatura em música na UFPE?

1.2 – Objetivos e Metodologia

Este trabalho tem como objetivo geral relatar e contextualizar atividades como docente na escola de música de uma igreja da Assembleia de Deus em Recife, enquanto cursando a licenciatura em música na UFPE. Ela tem como objetivos específicos: Detalhar experiências como aluno da licenciatura em música da UFPE; Expor e contextualizar experiências como professor na escola de música de uma igreja; e examinar a interação entre todas estas experiências.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e a metodologia utilizada foi relato de experiência. Godoy (1995a, p.62, apud Neves 1996, p.1) aponta características essenciais da pesquisa qualitativa. Ele aponta “o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental”, “o caráter descritivo”, “o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador”.

A revisão bibliográfica traz fontes que irão contextualizar o relato. Para o relato foi feito um recorte temporal, sendo este a duração do meu curso de licenciatura em música na Universidade Federal de Pernambuco. Porém, a parte do relato que se refere a minha atividade docente, inicia com a volta de aulas na escola da igreja após a pandemia de COVID-19, sendo esse fevereiro de 2022 a julho de 2024. Eu trago reflexões sobre experiências como discente e como docente, e sobre como estas

interagiram. Eu busco assim entender melhor essa etapa importante da minha vida como músico, aluno e professor.

De acordo com um documento disponível no site da Universidade Federal de Juiz de Fora (2016), um relato de experiência

... deve trazer considerações (a partir da vivência sobre a qual se relata e reflete) que sejam significativas para a área de estudos em questão. Isto é, é importante que seu relato não fique apenas no nível de descrever uma situação. Ele deve ir além e estabelecer ponderações e reflexões, embasadas na experiência relatada e no seu respectivo aparato teórico. É esperado que tais experiências possam contribuir para outros pesquisadores da área, ampliando o efeito da sua experiência como potencial exemplo para outros estudos e vivências.

Lemos no mesmo documento que o relato de experiência “traz as motivações ou metodologias para as ações tomadas na situação e as considerações/impressões que a vivência trouxe àquele (a) que a viveu...” e “é feito de modo contextualizado, com objetividade e aporte teórico.” (ibid) Mesmo “quando revelam enfrentamentos e dificuldades, os relatos são importantes para alertar outros trabalhadores e indicar novos caminhos.” (ibid) Ele explica, também, que “Enquanto alguns defendem que nesse tipo de texto exista maior liberdade para descrever impressões e tecer considerações com uma linguagem mais pessoal, outros mantêm que, sendo um trabalho científico, ele deve manter a impessoalidade...” (ibid).

O relato de experiência é uma explanação que descreve e também analisa uma prática, considerando as situações enfrentadas e os resultados adquiridos. É importante destacar que o relato de experiência não é necessariamente um relato de pesquisa acadêmica, todavia, aborda registro de experiências vivenciadas (Lukde; Cruz, 2010).

Exemplos dessas experiências podem ser providas de pesquisas, projetos de extensão de universidade, ensinos e algumas outras.

Como explica Josso:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse

trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (Josso, 2007, p.414).

A reunião de questões, preocupações e inquietações, expressas por meio do trabalho individual e coletivo relacionado à narração de cada participante, possibilita que os indivíduos em formação deixem o isolamento e comecem a refletir sobre a oportunidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades a serem descobertas ou inventadas (Josso, 2007, p.415).

A mesma autora ainda reforça o sentido de que muitas vezes, muitos estudantes não são iniciados no ensino superior, existem outras bagagens que também colaboram para a sua formação.

A função social dessas formações iniciais e continuadas (grande número de profissionais não são formados em universidades; nesse caso falamos de formação inicial e continuada porque ela prolonga formações anteriores em outras instituições ou cursos) conhece, assim, uma sensível evolução: de um lugar de geração, aprofundamento ou desenvolvimento de competências diversas, como eram na origem, transformam-se progressivamente em lugar de nova socialização, de reformulação dos laços sociais, de redefinição de projetos de vida, portanto, de redefinição do que é compreendido por muitos como uma identidade evolutiva, graças ao fato de levarem em consideração a perspectiva existencial através da qual a vida em suas dimensões psicossomáticas e socioculturais toma forma, se deforma, se transforma, e, dessa maneira, impõe a criação ou recriação de sentido para si – mais ou menos possível de partilhar com outros – e de novas formas de existência e de subsistência (Josso, 2007, p.415).

O Relato de Experiência no contexto acadêmico visa, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a valorização dessa vivência por meio de um esforço acadêmico-científico explicativo. Essa valorização se dá por meio de uma aplicação crítica e reflexiva, fundamentada em referenciais teórico-metodológicos (experiência distante) (Mussi, Flores, Almeida, 2021, p.64).

Os mesmos autores concluem o artigo afirmando que:

O conhecimento científico derivado dos Relatos de Experiência (RE) beneficia tanto o meio acadêmico quanto a sociedade, ao contribuir para a melhoria das intervenções e possibilitar o desenvolvimento de futuras propostas de trabalho, respectivamente. No entanto, é necessário um maior embasamento teórico para a construção desses estudos, especialmente devido à escassez de referências que abordam o *modus operandi* (Mussi, Flores, Almeida, 2021, p.72).

O relato de experiência é uma ferramenta poderosa na formação acadêmica, permitindo que os alunos reflitam sobre suas práticas e conectem teoria e prática. Ao

compartilhar suas vivências, os estudantes não apenas contribuem para seu próprio aprendizado, mas também enriquecem o conhecimento coletivo. Neste trabalho incluo minhas impressões, trazendo considerações com uma linguagem pessoal, mas não busco trazer uma narrativa etnográfica.

1.3 – Estrutura do trabalho e justificativa

No presente trabalho a Parte 1 é a Introdução, Parte 2 traz uma revisão bibliográfica, na Parte 3 encontra-se o relato de experiência e na Parte 4 as considerações finais.

Espero que o presente trabalho possa ser útil para alunos de música, em escolas de igrejas e em outros contextos, que pensam na possibilidade de se profissionalizar. Ele oferece também dados que podem ajudar a entender como se dá o ensino musical em certas igrejas evangélicas. Espero também que ele possa ser útil para pessoas que estão começando a dar aulas em contextos parecidos com aquele aqui descrito.

1.4 – Formação musical na Assembleia de Deus

Temos visto o alto crescimento de buscas por aulas de músicas em instituições religiosas. Como afirma Rocha (2019) “[...] as consequências e respostas do crescimento do número de congregados são muito voltadas para o campo da música”. Estudos e pesquisas têm demonstrado que o estudo de música na igreja evangélica pode trazer diversos benefícios para os seus participantes, como veremos abaixo.

Conforme menciona Rocha (2019), “muitas igrejas possuem uma escola de música própria, que atende não somente aos seus congregados em várias faixas etárias, mas também as pessoas da comunidade da qual fazem parte.” Especificamente, a igreja que abordarei neste trabalho é a da Assembleia de Deus.

A igreja da Assembleia de Deus vem crescendo, tanto no número de fiéis quanto no número de trabalhos realizados, e para a igreja o propósito dos trabalhos tem como principal finalidade a evangelização. Os trabalhos realizados com música também tem aumentado. Vale mencionar que os seus fundadores obtiveram estratégias utilizando a música para a evangelização. Como diz em Souza “Diante das dificuldades com a língua local, o uso da música foi uma estratégia utilizada pelos

missionários nos primeiros trabalhos de evangelização.” (2018, P. 57). A igreja também possui um projeto social na qual atende pessoas frequentadores, como também pessoas da própria comunidade, e nesse projeto um dos fortes ensinamentos também é com a música. Nas congregações, a música é tão presente que um dos primeiros momentos do culto é com os louvores congregacionais, onde todos cantam hinos juntos. Além disso, também possuem grupos musicais, na qual podemos citar:

Coral – O coral é um grupo musical que trabalha com divisões de vozes: soprano, contralto, tenor e baixo. As músicas interpretadas são predominantemente sacras, com um repertório tradicional. Como mencionado por Novo (2015, p. 65), “o repertório do coral de adultos é basicamente hinos, advindos das traduções de obras corais”. As apresentações ocorrem durante os cultos aos domingos e, dependendo da congregação, alguns corais também se apresentam em dias da semana nos cultos de suas respectivas comunidades.

Proati – Este grupo é conhecido por reunir a terceira idade, onde os idosos têm o costume de cantar hinos, geralmente mais antigos, com os quais estão mais familiarizados. Eles possuem seu próprio culto, realizado em um domingo específico de cada congregação, durante o qual toda a programação é organizada por eles, desde as saudações até os louvores. Além desse culto, o grupo se reúne nos demais domingos e em todos os cultos que ocorrem durante a semana em sua congregação. Essa prática corrobora positivamente a afirmação de Paula (2022) em seu artigo sobre o desempenho cognitivo dos idosos participantes de canto coral. A autora observa que, ao comparar os resultados de participantes de canto coral com aqueles que realizam atividades físicas, os resultados foram superiores ou idênticos, exceto no aspecto geral e de memória. Isso sugere que a prática do canto coral pode ser uma das ferramentas para a manutenção das funções cognitivas dos idosos (Paula et al., 2022).

Coro Infantil – É um grupo musical constituído por crianças. Na maioria das congregações, os cultos infantis são realizados aos sábados, seja pela manhã ou à tarde; no entanto, esse grupo também se apresenta aos domingos e, ocasionalmente, em alguns cultos durante a semana. O estilo musical interpretado por esse grupo

consiste em músicas de caráter infantil. Como destaca Oliveira (2012, p. 20), “com a prática do canto coral, a criança se socializa com outros colegas, aprendendo a superar possíveis individualismos, a desenvolver afinidade com os membros do grupo e a trabalhar em conjunto”.

União de Adolescentes – Este grupo é formado por adolescentes e apresenta um estilo musical variado, incluindo tanto worship¹ quanto músicas pentecostais. É comum usar divisões de vozes, como soprano, contralto, tenor e baixo. Os dias de ensaio são definidos de acordo com cada congregação, e os integrantes se reúnem aos domingos, além de participar de alguns cultos durante a semana. Como expõe Costa a respeito do coro juvenil, “o desenvolvimento do coralista está diretamente ligado à sua exposição à prática musical, ao repertório, à técnica vocal, aos exercícios e ao treino durante os ensaios” (Costa, 2009, p. 84).

Coro Jovem – Este grupo é constituído por jovens, muitos dos quais vêm da união de adolescentes. Após completarem a maioridade, eles ingressam no Coro Jovem e permanecem até se casarem. As músicas interpretadas por este grupo variam bastante. Como menciona Novo (2015, p. 69-70), “eles se reúnem para ensaiar aos sábados [...] apresentam-se nos cultos aos domingos e em eventos realizados fora da instituição [...] recebem convites e viajam para cantar em outras igrejas”. Sua formação inclui divisões de vozes: soprano, contralto, tenores e baixo.

Banda Musical – É um grupo que vem crescendo cada vez mais nas igrejas evangélicas da Assembleia de Deus. No entanto, nem todas as congregações contam com essa formação. A banda é caracterizada, como menciona Nascimento:

“Banda de Música: grupo formado majoritariamente por instrumentos de sopro e percussão, podendo ter alguns instrumentos de sopro de pequeno porte utilizados nas orquestras, como é o caso do oboé e do fagote. Podem executar um repertório bastante variado, com exceção de grandes peças escritas para orquestras sinfônicas. Seu emprego ocorrer (sic) em deslocamento ou parado, porém não enfatiza as evoluções.” (Nascimento, 2007, p.39)

¹ Worship- A expressão é usada para se referir aos louvores de adoração fáceis de cantar, que acompanham os cultos e as orações dos cristãos.

Sua faixa etária varia, pois os componentes do grupo incluem crianças, adolescentes, jovens e idosos; porém, o número predominante, na maioria das vezes, são de adolescentes e jovens. Em muitas congregações, através desse grupo, existe uma escola de música cuja finalidade é formar alunos para que possam integrar na banda. As suas formações geralmente ocorrem aos domingos, ou quando são convidados para irem a outra congregação. (Oliveira, 2012)

É notório o quanto a presença musical é importante em cada grupo, especialmente na igreja, onde os fiéis frequentemente são envolvidos musicalmente, mesmo que de maneira informal. Desde o canto congregacional, que, como afirma Santos (2013, p. 15), “possibilita o aprendizado informal, pois é realizado sem a intenção de profissionalização, com o único intuito de adorar a Deus, de maneira que o aprendizado ocorre de forma espontânea”, até os grupos musicais mencionados anteriormente, cada um deles não apenas se apresenta, mas também passa por um processo de preparação. Cada grupo tem um dia específico para os ensaios, durante os quais são discutidas as músicas que irão cantar e eventuais solicitações para eventos.

Escola de Música - Como mencionado por Barreto (2022), “no Brasil, há muito ensino de música dentro de templos religiosos. Dentro de suas liturgias, também se faz o uso da música.” Essa formação musical tem levado à criação de bandas, orquestras e outros grupos musicais, conforme já citado acima.

Como podemos observar:

A igreja, através do seu ensino de música e do uso musical dentro de sua liturgia, tem proporcionado aos seus membros uma vivência tão boa e efetiva que muitas pessoas têm buscado se profissionalizar dentro da área, quer seja na linha de ensino ou performance (Barreto, 2022)

É cada vez mais comum que muitos alunos que iniciaram sua formação musical em instituições religiosas desejem seguir a carreira profissional. Como afirma Barreto (2022.) “Investigar [...] a influência do ensino de música na igreja sobre a atuação profissional de músicos e todos aqueles que tiverem interesse de saber o quão importante pode ser esse ensino dentro de uma igreja evangélica.” E podemos ver

quão benéfico pode ser, “Historicamente, o ensino de música nas igrejas evangélicas tem contribuído e propiciado a formação de músicos que atuam em orquestras, corais e bandas em todo o país, fora do âmbito das próprias igrejas.” Rocha (2019.)

A música, além de ser um elemento bastante importante na liturgia do culto, é um dos motivos pelos quais muitos músicos desejam seguir na área profissional. Como menciona Rocha (2019), é por meio desse processo que muitas pessoas se sentem oportunizadas, pois têm a possibilidade de desenvolver habilidades musicais e aprender a tocar um instrumento ou a cantar. Tudo isso contribuiu, de forma involuntária, para que as igrejas evangélicas criassem um mercado voltado para a formação musical.

Em alguns templos religiosos, há um espaço separado destinado à realização de atividades musicais, que pode ser um prédio anexo ou até mesmo uma escola musical. Nesses espaços, os trabalhos vão se adequando a necessidade da igreja. Por exemplo, existem templos da assembleia de Deus, em que os trabalhos são realizados nos próprios departamentos. Geralmente, as aulas teóricas são dadas em conjunto, separados por classificação de idades: há salas de crianças e outras para adolescentes, jovens e adultos. As aulas instrumentais, cada aluno vai para o espaço determinado, onde eles têm aulas coletivas de instrumentos, dependendo da quantidade de alunos para cada instrumento. Na parte 2 iremos considerar o ensino coletivo de música.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 - Algumas metodologias da educação musical

A música, de acordo com Bohumil Med “É a arte de combinar os sons simultânea e sucessivamente com ordem, equilíbrio e proporção dentro do tempo” (1996, p.11). O estudo e ensino da música tende a ser dividido em diversas disciplinas, como teoria, percepção e solfejo. Três pedagogos musicais, cujas metodologias são especialmente relevantes ao presente trabalho, são Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950), Edgar Willems (1890-1978) e Carl Orff (1895-1982).

Émile Jaques-Dalcroze, nascido em Viena, na Áustria, em 1865, iniciou seus estudos musicais desde muito jovem. Foi por meio de sua experiência que surgiram inovações pedagógicas na área da música, as quais se desenvolveram na metade do século XX.

Jaques-Dalcroze desenvolveu gradualmente um método de educação musical baseado no movimento, onde o aprendizado ocorre por meio da música e pela música, por meio de uma escuta ativa. A Rítmica – sistema de educação musical criado por Jaques-Dalcroze, que visa a musicalização do corpo – é uma disciplina na qual os elementos da música são estudados através do movimento corporal (Mateiro, Ilari – 2011. P.29).

O pensamento de Jaques, em sua época, e por meio dessas novas tendências, direcionou-se para uma nova pedagogia, conhecida como pedagogia ativa.

Através das metodologias ativas, é possível usar a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem. Com problemas reais, o discente costuma estar muito mais motivado para examinar, refletir e pode relacionar à sua história o que é investigado, resignificando suas descobertas (Richartz, 2015, p.297,298).

Foi dessa forma que Jaques-Dalcroze foi convidado a contribuir para a reforma do ensino musical das escolas públicas do seu país (Mateiro, Ilari- 2011)

Edgar Willems, o segundo autor mencionado, nasceu em 1890 na Bélgica e é considerado um dos pioneiros da educação musical, cujas idéias causaram grandes impactos no início do século XX.

Willems estabeleceu como bases essenciais para a educação musical, primeiramente, a relação íntima entre os elementos constitutivos da música e a natureza humana, a que chamou “princípios psicológicos” e, depois, um

material sonoro muito rico, que concebeu e colocou a ponto (Mateiro, Ilari, 2011, p.93).

Ele também acreditava que a formação do ouvido era algo muito importante e central. Em uma de suas obras, reuniu o pensamento de 31 autores, incluindo filósofos, músicos, cientistas e pedagogos, para discutir a importância da escuta. Além disso, Willems produziu diversas obras, como livros, artigos, textos reflexivos e didáticos, e peças musicais com fins educacionais. “Em todas essas obras, Willems procurou refletir rigorosamente sobre suas concepções e, mais que isso, ocupou-se do registro minucioso das ideias, revelando a preocupação em dar a todos o acesso a esse conhecimento” (Mateiro, Ilari, 2011, p. 101).

Carl Orff, mais um dos pedagogos mencionados, nasceu em 1895 em Munique, na Alemanha. Sua pedagogia musical une improvisação, fala, movimentos corporais, canto e o uso de instrumentos melódicos e percussivos. Além disso, Orff é conhecido por suas várias composições musicais, conforme afirmam Mateiro e Ilari.

Os procedimentos e recursos utilizados na construção da composição musical fundamentam-se em blocos, estruturas em forma de pilares, de bordões e de ostinatos, os quais carregam uma condução melódica própria. Tal estrutura apresenta, ainda, na base, o aporte cênico, a fantasia e o imaginário (Mateiro, Ilari, 2011, p. 128).

Ele também foi o criador da Orff-Schulwerk, cuja essência é o pensamento elementar, muitas vezes considerado primitivo. A educação musical, que pode ser chamada de elementar ou básica, parte do entendimento de que música, linguagem e movimento estão interligados, originalmente, pelo fenômeno rítmico (Mateiro e Ilari, 2011, p. 128).

2.2 – Ensino coletivo de música

De acordo com Nascimento:

A metodologia do ensino coletivo de instrumentos musicais consiste em ministrar aulas ao mesmo tempo para vários alunos. Essas aulas podem ser de forma homogenia ou heterogenia e é efetuada de maneira multidisciplinar, ou seja, além da prática instrumental, podem ser ministrados outros saberes musicais intitulados academicamente como: teoria musical, percepção musical, história da música, improvisação e composição (Nascimento, 2006, p.96).

Para muitos, o ensino coletivo pode parecer complexo, mas, como aponta Cruvinel, este tipo de ensino pode beneficiar nos seguintes aspectos:

[...] uma maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, estimula e desenvolve a independência, a liberdade, a responsabilidade, a auto-compreensão, o senso crítico, a desinibição, a sociabilidade, a cooperação, a segurança e no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo (Cruvinel, 2003, p.52).

Esse tipo de ensino é frequentemente adotado nas instituições religiosas devido à quantidade de alunos e à limitação de dias disponíveis para as aulas. Na maioria das congregações, as aulas são ministradas aos sábados, pela manhã ou pela tarde, tornando-se uma maneira mais prática de abordar os conteúdos para um número significativo de pessoas.

Ainda sobre o ensino coletivo, como afirma Cruvinel (2003) este tipo de ensino desenvolve características positivas em relação ao indivíduo, na sua personalidade musical. O ensino em grupo pode fazer com que desenvolva a autoestima do aluno, a partir da assimilação dos conhecimentos de forma mais prazerosa, e também a partir da interação com o grupo, o indivíduo passa a se conhecer mais e a também conhecer mais o próximo, havendo trocas de experiências (Cruvinel, 2003).

2.3 - Ser aluno de Licenciatura

A formação docente é um processo muito variado e que vai além de uma simples obtenção de conhecimento. Nesta circunstância do ensino superior a experiência acadêmica dos futuros educadores exerce um papel importante na construção da sua identidade profissional e na formação de suas práticas educacionais, como diz em Severo et al em um dos seus tópicos a respeito da experiência dos discentes na universidade, que tem por título “Satisfação em desenvolver-se como pessoa”, ele diz “nessa categoria, a maioria das/dos participantes (70,8%) enfatizou a relevância da universidade como instituição determinante para sua formação e seu desenvolvimento” (Severo et al, 2020, p.8).

Ainda no mesmo tópico, menciona-se o que foi levantado pelos estudantes sobre a valorização do trabalho nas instituições, destacando os benefícios que isso traz.

As/os estudantes revelaram uma contundente valorização do trabalho das instituições de ensino superior na construção de uma formação pedagógica

mais ampla, coletiva e de caráter social. A subunidade “Capacidades de reflexão crítica” revelou uma ampla concordância com uma formação crítico-reflexiva por parte das/dos discentes, valorizando os processos de aprendizagem em suas dimensões cognitivas, sociais e políticas (Severo et al, 2020, p.8).

O artigo de Bitter e Loney (2015) fala sobre o conceito (*Deeper Learning*) Aprendizagem mais profunda, referindo-se à combinação de uma mais profunda compreensão dos conteúdos acadêmicos, como também a capacidade de aplicar essa compreensão a problemas e situações futuras, e o desenvolvimento de uma sequência de competências, que incluem as aptidões pessoais e autogestão. E como é dito por Munk

Em suma, o conhecimento, as habilidades de raciocínio e as habilidades interpessoais e intrapessoais trabalham em conjunto para permitir que os estudantes expandam, fortaleçam e impulsionem continuamente seu aprendizado à medida que se adaptam e prosperam em um mundo complexo e em rápida mutabilidade (Munk, 2020, p.6).

O método de ensino e aprendizagem é bastante dinâmico e exige além da transmissão do conhecimento a capacidade de inspirar e motivar os alunos. O conceito “aprender a ensinar” dito por Marcelo (1998, p.51) “a pesquisa sobre aprender a ensinar evoluiu na direção da indagação sobre os processos pelos quais os professores geram conhecimento, além de sobre quais tipos de conhecimentos adquirem.”

Implica também em compreender diferentes formas de aprendizagens e aplicar metodologias que possam atender aos diversos tipos de alunos, o mesmo autor, ainda diz respeito sobre algumas características sobre o conhecimento prático “não se pode ensinar, ainda que se possa aprender” e ele cita alguns meios de poder adquirir esses conhecimentos, que são eles aprendizagem direta, aprendizagem mediada, por meio da observação e a aprendizagem táctica, por meio da experiência própria (Marcelo, 1998, p.52).

A iniciação ao ensino refere-se ao tempo em que o professor passa de aluno para profissional, o educador. Pesquisas revelam que esse é um tempo de muitas tensões e intensivas aprendizagens, em situações muitas vezes desconhecidas, e durante esse período que os professores iniciantes devem não apenas adquirir

conhecimento profissional, como também manter um certo equilíbrio pessoal (Marcelo, 1998, p.62).

Um outro ponto importante a respeito do processo de aprender a ensinar, é o da “aprendizagem pela observação” processo esse ocorrido antes mesmo da ingresso no curso superior, pois através dele durante a sua experiência no contexto de sala de aula, como aluno e futuros professores, observam a atuação dos seus professores em sala de aula. Isto é reacendido em sua formação inicial, perdurando na sua prática profissional, que muitas vezes possui associação com a influência de sua formação inicial na modificação de crenças e teorias subtendidas relacionadas ao ensino e ao processo de formação docente (Apud, Flores, 2015, p.4).

O ensino também acarreta juízos morais e ter que tomar decisões em contextos frente a situações complexas, na qual o professor terá que lidar. Desse modo, a formação do professor não deve apenas centrar-se no que os professores são capazes de fazer, mas também na forma em que os professores, como agentes de mudança, pensam e na forma em que são capazes de mudar a sociedade (Flores, 2015, p.15).

2.4 – Ser Docente

O docente desempenha um papel extremamente importante no processo educativo, sendo ele responsável pela transmissão de conteúdos aos alunos. Como explica Benites (2007) a profissão docente, assim como outras profissões, emerge em um contexto que responde às necessidades da sociedade, constituindo-se como um corpo organizado de saberes, além de abranger um conjunto de normas e valores.

Ser professor é uma construção vinda de um longo processo, na qual se aprende como agir e tomar decisões. Como diz em Iza et al :

A presença de uma identidade própria para a docência aponta a responsabilidade do professor para a sua função social, emergindo daí a autonomia e o comprometimento com aquilo que faz. Porém, é importante salientar que o professor adquire estes quesitos por meio da formação escolar, formação inicial, experiências diversas, processos de formação continuada, influências sociais, entre outros. De fato este processo é permanente e está fortemente atrelado à cultura e às demandas que se apresentam em qualquer sociedade (Iza et al, 2014, p. 4).

Com o desenvolvimento social e as mudanças nas necessidades relacionadas à educação, o professor também deve modificar sua forma de "ver o mundo", adequando sua formação às novas exigências (Benites, 2007). A função do docente transcende a simples figura de transmissor de conhecimento. Com as mudanças sociais e tecnológicas, o educador deve adaptar suas práticas e abordagens para atender às demandas de uma sociedade em constante transformação.

Não se pode excluir a importância de ser um bom professor, que se adapta às novas demandas, as quais pressupõem: a reflexão sobre a própria prática, o trabalho em equipe, a orientação para o mercado de trabalho, o ensino planejado a partir da aprendizagem e da didática, além da recuperação da dimensão ética da profissão (Zabalza, 2004).

Neste contexto, a formação continuada e a atualização profissional se tornam fundamentais. O docente precisa estar preparado para a utilização de novas metodologias e tecnologias educacionais que auxiliam na construção de saberes e habilidades no ambiente escolar. Portanto, o papel do professor deve ser constantemente reavaliado e ressignificado, aspirando a melhoria da qualidade da educação.

3 - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nesta seção irei relatar a minha experiência como aluno e como docente. Serão apresentados quatro tópicos. O primeiro descreve a estruturação da banda da igreja, e da escola. O segundo, trata sobre minha vivência na universidade e como isso acarretou para minha formação docente. O terceiro, discute as metodologias utilizadas na escola de música da igreja da Assembleia de Deus, com foco na minha experiência ensinando estas disciplinas. E o quarto traz reflexões a interação entre minha experiência como docente e como discente

3.1 - A banda e a escola da igreja

A Banda Marcial Filadélfia, apesar de ser uma banda musical, mantém o nome de sua formação anterior, que era uma banda marcial. Com 28 anos de existência, o grupo é composto por dirigentes, vice-dirigente, secretário, vice-secretário e os componentes da banda. Os instrumentos musicais utilizados incluem sopros, como clarinete, flauta transversal, saxofones (altos e tenores), trompete, trombone e tuba; além de percussão, como pratos, caixas, atabaques e fuzileiros, bem como instrumentos de base, como bateria e teclado.

Os ensaios da banda ocorrem aos domingos à tarde, das 14h às 16h, e é durante os cultos realizados nos terceiros domingos do mês que a banda se apresenta. A partir da formação da banda, foi criada a escola de música da Assembleia de Deus, cujo principal objetivo é formar alunos que possam ingressar na Banda Musical.

As aulas na escola de música da Assembleia, são ministradas por pessoas que possuem mais conhecimento na área, visando melhor instruir os alunos. Como afirma Rocha (2019), “as igrejas têm buscado manter pessoas preparadas musicalmente para liderar as atividades musicais.” Inicialmente, as aulas eram realizadas nas segundas-feiras à noite, no anexo da igreja, mas, posteriormente, foram transferidas para os sábados pela manhã, das 9h às 12h. Alguns alunos chegam às 8h20 para aulas de instrumento, antes de seguirem com as aulas teóricas.

Na escola de música da Assembleia de Deus, são oferecidas aulas de teoria, solfejo, percepção musical e instrumentos. Seguimos uma vertente pedagógica que se alinha com as ideias de Émile Jaques-Dalcroze, Edgar Willems e Carl Orff, cujos métodos inovadores marcaram profundamente a educação musical no século XX. Os instrumentos disponíveis incluem clarinete, flauta transversal, saxofones (altos e tenores), tuba, trombone, trompete e percussão, como caixa, pratos, atabaques e fuzileiros. Recentemente, foi aberta uma turma para instrumentos de cordas, com aulas de violino.

A faixa etária dos alunos da escola é dividida em duas etapas: uma turma exclusivamente para crianças de 6 a 12 anos e outra composta por adolescentes, jovens e adultos, que variam de 13 a cinquenta anos ou mais. A duração do curso é de dois anos, organizados em quatro módulos, cada um com seis meses de duração.

Na Igreja da Assembleia de Deus, as congregações são organizadas em "áreas", que agrupam um número específico de igrejas de regiões próximas, geralmente entre sete e oito congregações. Em cada área, há um evangelista ou pastor responsável por todas as igrejas, enquanto os presbíteros são os responsáveis por cada congregação individualmente. Em relação à banda de Jiquiá, não existem bandas em todas as igrejas; assim, ela é a única da área, permitindo a participação de membros de todas as congregações locais, assim como de congregações vizinhas.

Muitos participantes que buscam aprender um instrumento procuram o ensino religioso, frequentemente por ser mais acessível e próximo. A música, sendo uma parte fundamental e presente nos templos religiosos, exerce certa influência na procura por aulas, como afirmado por Rocha (2019): "a música tem sido uma parte importante do culto na maioria das igrejas evangélicas, por isso inúmeros músicos são formados nesse contexto."

3.2 - Experiências como aluno de licenciatura em música

Durante minha graduação, cursei disciplinas fundamentais para meu desenvolvimento como professor, que me forneceram uma base sólida para ministrar aulas na escola de música da Assembleia de Deus. O curso de licenciatura em música tem como objetivo a formação de professores para o ensino teórico-prático da música,

capacitando-os a atuar com eficiência em diversas áreas dessa disciplina. O egresso do curso deve ser capaz de atuar nas áreas de formação de corais, bandas, conjuntos instrumentais, além de atuar no ensino de música, tanto na iniciação quanto no ensino das matérias teóricas relacionadas à educação musical. O professor de música formado deverá atuar nas escolas da Educação Básica, tanto na rede pública quanto privada, em escolas especializadas, conservatórios e instituições de ensino profissionalizante, desempenhando funções de ensino e orientação musical. (UFPE, 2024)

A disciplina de Percepção Musical destacou-se, sendo a única vivenciada de forma remota devido à pandemia. As aulas foram organizadas em quatro períodos, sendo os três primeiros realizados online e o último presencial. Durante esse tempo, eram propostos exercícios para o treinamento auditivo, incluindo exercícios melódicos, rítmicos e a quatro vozes. Enfrentei grandes dificuldades com os exercícios melódicos, nos quais o professor apresentava trechos de pequenas melodias que deveriam ser ouvidas e anotadas. Apesar das orientações sobre como facilitar a identificação das notas, a tarefa se mostrou desafiadora, especialmente em relação aos saltos melódicos, que dificultavam ainda mais meu desempenho. Além disso, o ambiente de estudo remoto apresentou desafios adicionais, como distrações, ruídos domésticos e uma conexão de internet instável, que impactavam negativamente na minha concentração e aprendizado.

Buscando superar essas dificuldades, empenhei-me em seguir as recomendações do professor, como cantar mentalmente cada nota para facilitar sua identificação. A utilização de um aplicativo sugerido durante as aulas também se revelou benéfica. Essa prática específica contribuiu significativamente para meu aprendizado, uma vez que percebi que cantar internamente me ajudava a identificar as notas dos exercícios. Apesar de não ter sido fácil, realizei diversos exercícios e apliquei as orientações do professor. Com o passar do tempo, notei uma melhoria na minha percepção auditiva e uma maior praticidade na execução dos exercícios. Como futuro docente, considero que essa prática é de grande valor, pois muitos alunos também enfrentam dificuldades similares com exercícios melódicos; assim, implementá-las em sala de aula beneficiaria seu desenvolvimento.

Adicionalmente, os exercícios rítmicos propostos pelo professor foram mais acessíveis para mim. Ele explicava métodos de facilitação, como a "fórmula dos

palitos", onde inicialmente se ouvia o ritmo tocado e, durante esse processo, anotava-se as batidas com traços. Posteriormente, delimitavam-se as figuras musicais (colcheias, semicolcheias, mínimas) de acordo com a quantidade de traços. Essa abordagem favorece a escrita musical, sendo especialmente útil para alunos iniciantes, que terão uma melhor compreensão da atividade.

A segunda disciplina que cursei foi Canto Coral, na qual foram apresentados repertórios musicais de estilos variados, tanto sacros quanto populares. No que diz respeito à leitura métrica das peças, eu possuía mais facilidade; entretanto, encontrava dificuldades na entoação de peças à primeira vista, frequentemente me perdendo na altura de algumas notas. O professor, antes de iniciarmos as leituras, realizava exercícios de aquecimento vocal, que fortaleciam a voz e melhoravam a articulação dos sons. Com a prática desses exercícios, observei um progresso significativo ao longo do semestre, desenvolvendo maior consciência sobre o que estava cantando. Essa técnica se mostra valiosa para trabalhar a consciência vocal dos alunos, possibilitando uma melhor afinação e desenvolvimento musical.

A terceira disciplina, Metodologia do Ensino da Música, proporcionou o aprendizado de diversos métodos e exercícios. Frequentemente, revisávamos conceitos musicais, utilizando abordagens práticas que, embora simples, se tornavam complexas quando aplicadas corporalmente. Inicialmente, a musicalização prática revelou-se desafiadora, mas, com o auxílio do professor, compreendemos a importância de utilizar o corpo na musicalização, o que nos permitiu aplicar esses conceitos de forma satisfatória. Isso permite aplicar esses conceitos aos alunos, para que eles reconheçam a importância do corpo na musicalização.

Outro exercício aplicado foi baseado na metodologia do pedagogo musical Edgar Willems, focando em pequenas melodias. O principal objetivo era trabalhar a afinação e a memorização das notas, utilizando as cinco primeiras notas (Dó, Ré, Mi, Fá e Sol). Essa atividade se mostrou bastante eficaz, pois proporcionou uma nova perspectiva para lidar com problemas relacionados à afinação e, principalmente, como aplicá-los em sala de aula. Como mencionado por Mateiro e Ilari (2011, p. 103), "primeiramente é preciso viver e fazer música, depois pensar sobre ela", enfatizando que a experiência musical é central em todo o processo de aprendizagem.

Por fim, a disciplina de Prática Instrumental, oferecida a partir do terceiro período na UFPE, foi de grande importância. O instrumento abordado foi o clarinete.

Apesar de já possuir alguns conhecimentos, enfrentei dificuldades que, com o auxílio do professor, pude superar. Ele enfatizava que os exercícios vocais ajudavam na emissão de notas, especialmente as mais agudas, contribuindo para que estas fossem emitidas de forma afinada e com boa projeção. Ao longo do semestre, percebi melhorias significativas na minha emissão sonora. Além disso, os métodos utilizados nas aulas foram pensados às necessidades individuais de cada aluno, visando sanar dificuldades específicas. As peças, por sua vez, também desempenham um papel crucial na vida do instrumentista, uma vez que muitos aspiram a tocar. Considerando o exposto, esses exercícios podem ser de grande auxílio para o docente, pois sua aplicação tende a gerar resultados positivos.

3.3 - Experiências como professor na escola de música da igreja

Abaixo segue uma tabela, de exemplificação de como funcionam os horários, o dia e quais são as disciplinas ofertadas na escola de música da igreja evangélica da Assembleia de Deus.

DISCIPLINAS	DIA	HORÁRIO
Instrumento	Sábado	08h20 às 09h10
Percepção	Sábado	09h10 às 09h50
Solfejo	Sábado	09h50 às 10h20
Teoria	Sábado	10h20 às 11h00
Instrumento	Sábado	11h00 às 11h50

Término das aulas	Sábado	11h50
--------------------------	---------------	--------------

Percepção - A escola de música da Igreja Evangélica da Assembleia de Deus oferece a disciplina de Percepção. Nela, pude colocar em prática tudo o que já havia aprendido, tanto anteriormente quanto durante o período em que frequentei as aulas na universidade. Na minha primeira aula como docente, no primeiro módulo, que aborda assuntos introdutórios, iniciei com uma apresentação da disciplina, explicando as dinâmicas das aulas, os exercícios e as provas.

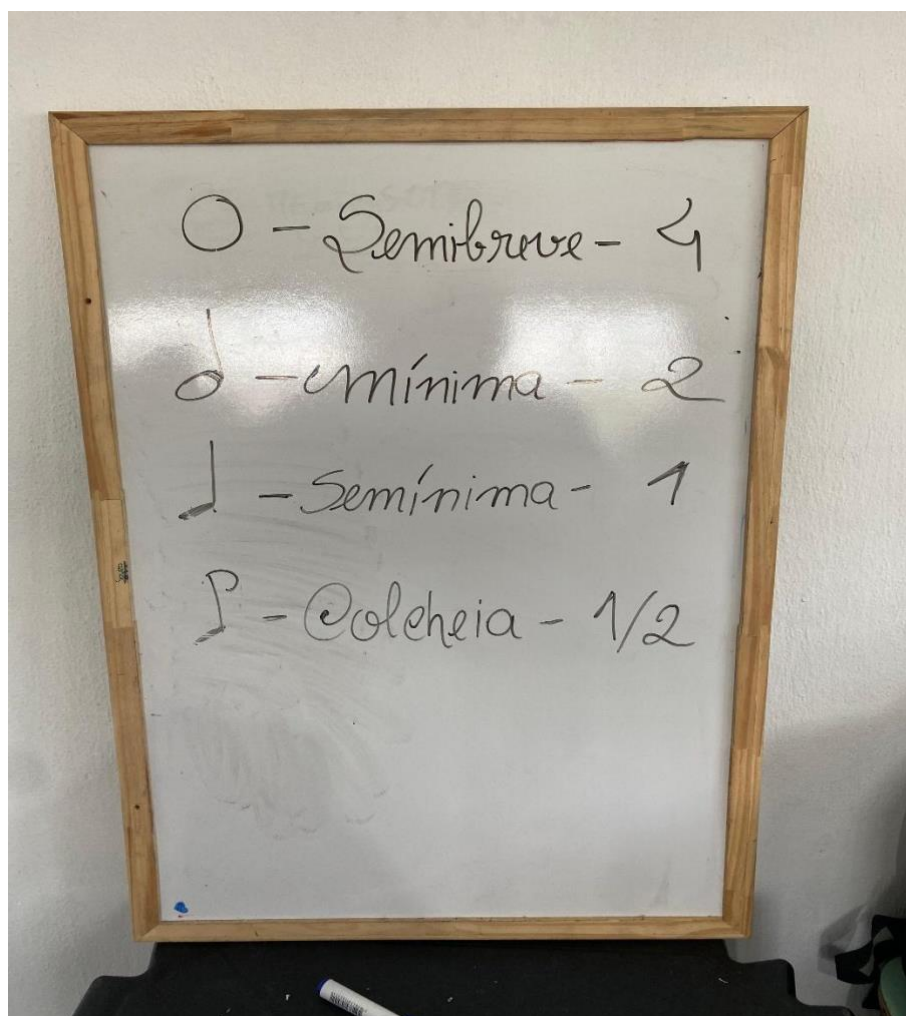
Em seguida, apresentei aos alunos as figuras musicais. Na primeira aula, ao falar sobre as durações das figuras, percebi que, para muitos, o tema parecia complexo. Surgiram questionamentos como: “Por que essa figura dura mais que a outra?” e “Qual a diferença entre elas?”. Assim, compreendi que trazer apenas conceitos teóricos não seria suficiente para que aqueles que estavam iniciando no ensino musical pudessem entender. Foi então que decidi aplicar uma das metodologias que aprendi durante o curso.

Durante a disciplina de Metodologia do Ensino da Música, foram apresentadas algumas abordagens pedagógicas, já mencionadas anteriormente, que utilizam o corpo para demonstrar as figuras musicais. Ao mostrar isso aos alunos, expliquei que figuras como semibreve, mínima e semínima possuem durações diferentes, e que podíamos representar essas durações por meio de gestos. Para figuras com maior duração, os alunos faziam gestos amplos, enquanto figuras de menor duração eram acompanhadas de gestos menores. Dessa forma, percebi que eles conseguiram compreender melhor a questão das durações das figuras musicais e recebi um retorno positivo da parte deles, que ficaram motivados a conhecer mais sobre o tema.

Outro exercício interessante que apliquei em aulas posteriores consistiu em colocar no quadro as figuras que havia apresentado (semibreve, mínima, semínima e colcheia) e seus respectivos valores de duração. Pedi que memorizaram o valor de cada uma delas, e, em seguida, aponte as figuras no quadro, enquanto os alunos reproduziam os valores com palmas. Com o decorrer do exercício, fiz trocas nas figuras, e os alunos reproduziam os valores correspondentes. Essa atividade foi proposta em resposta às dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à

duração das figuras, e, ao meu ver, foi bastante eficaz, pois pude observar que eles estavam assimilando a diferença entre cada figura.

Figura 1 - Exercício passado em sala de aula



Fonte: Autoria própria

Nos demais módulos, o dois, três e quatro, além de continuar tratando da notação musical, são introduzidos outros exercícios, com outros graus de dificuldades. Por exemplo, estes módulos incluem ditados rítmicos. Geralmente, os ditados tinham quatro compassos de 4/4 (quaternário simples), e eu os tocava usando um instrumento de percussão, pedindo para que os alunos escrevessem o que haviam escutado. Em cada semestre do qual este relato trata, dentre todos os exercícios aplicados, este apresentava dificuldades para muitos alunos de cada turma.

Figura 2 - Exercício proposto em sala de aula



Fonte: Autoria própria

Mostra um dos primeiros ditados rítmicos do módulo dois. Antes de realizar o ditado no instrumento de percussão, eu toco várias vezes semínimas e colcheias para que os alunos possam decorar a diferença e também a escrita de cada figura. Em ditados subsequentes eu vou introduzindo mínimas, semibreves e semicolcheias. Em uma ocasião na qual realizei o ditado abaixo

Figura 3 - Exercício proposto em sala de aula



Fonte: Autoria própria

muitos alunos tiveram dificuldades inicialmente para distinguir as duas figuras (semínima e colcheia) por isso repeti a explicação, chegando a um total de três vezes, com isso todos conseguiram anotar o ditado, exceto uma pessoa.

Como eu observei que as explicações não estavam sendo suficiente para uma pessoa da turma, me lembrei de uma metodologia que foi usada frequentemente nas minhas aulas de Percepção Musical na universidade. Eu adaptei um pouco essa metodologia, já que a metodologia é direcionada a alunos que já possuem alguma formação teórica, enquanto que na situação relatada os alunos eram muito mais iniciantes. Pedi para todos os alunos primeiro anotarem um traço para cada figura escutada. Só após conseguirem fazer isso satisfatoriamente, foi que pedi para diferenciarem quais traços eram semínimas e quais colcheias.

Essa abordagem permitiu que a pessoa que não estava conseguindo realizar o ditado, demonstrasse alguma compreensão do ditado. Precisou de mais algumas aulas usando essa abordagem para que essa pessoa viesse a ter êxito nos ditados. Até o terceiro módulo essa pessoa teve mais dificuldades que os outros, e precisei ajuda-la com encorajamento e repetições adicionais do exercício, porém, foi nítida a maneira que ela nunca mais apresentou o grau de dificuldades que havia inicialmente apresentado. Adicionalmente, desde que mostrei o sistema com traços, os outros integrantes da turma que haviam demonstrado alguma dificuldade, mesmo que menor, também apresentaram mais facilidades com os ditados.

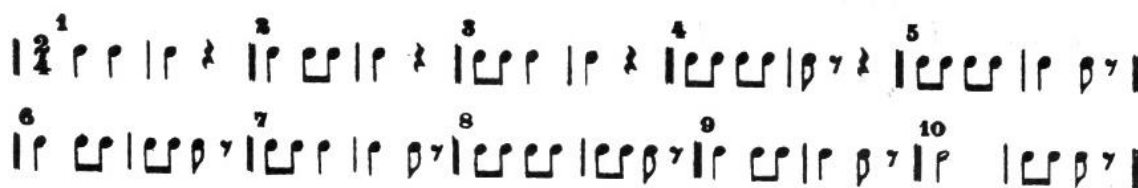
Outro exercício aplicado nos módulos seguintes envolveu a utilização do método Pozzoli (1983). Na primeira vez em que apresentei esse método, percebi que os alunos enfrentaram dificuldades para compreender seu funcionamento, especialmente em relação à confusão entre os valores das figuras, como a semínima e a colcheia. Um aluno da turma, em particular, demonstrou grande dificuldade; mesmo após repetições e explicações sobre como realizar o exercício, ele continuava sem entender, como se o conteúdo não fizesse sentido para ele.

Recordei-me, então, das aulas que tive na universidade sobre o pedagogo Kodály, que buscava um sistema de educação musical capaz de despertar o interesse de pessoas para quem a música não é uma profissão, mas sim uma parte essencial de suas vidas. Em outras palavras, Kodály desejava uma educação musical que promovesse o desenvolvimento de músicos amadores e não apenas de profissionais (MATEIRO; ILARI, 2011, p. 57). A metodologia consistia na troca da sonoridade das figuras, permitindo que os alunos assimilassem melhor, ao invés de simplesmente falarem “ta, ta, ta”.

Para esse aluno, foi como se uma chave tivesse se virado. Diferente dos demais, que precisaram de mais tempo para assimilar a atividade proposta, ele apenas necessitou de uma metodologia alternativa para compreender o exercício específico. Isso demonstra que cada pessoa possui diferenças em seu processo de aprendizagem. Como afirma Penna, “o ensinar constitui-se em uma atividade bastante complexa, em que é preciso dar ao conteúdo que se ensina (o que) uma forma (como, o modo de ensinar) que viabilize um processo de ensino e aprendizagem significativo” (PENNA, 2011, p. 14).

No exercício apresentado abaixo, os alunos inverteram a sonoridade das figuras: para as mínimas e semínimas, utilizaram “pão”, prolongando o seu valor; para o conjunto de colcheias, usaram “ada”; e para o conjunto de semicolcheias, “tiritiri”. Posso afirmar, com convicção, que esse foi o exercício que trouxe os resultados mais positivos. Além do aluno que enfrentava mais dificuldades ter conseguido progredir, os demais também compreenderam bem e estavam realizando a leitura métrica com eficácia.

Figura 4 - Ditado rítmico



Fonte: Pozzoli, 1983, p.22

Solfejo – No que se refere as aulas de solfejo na escola de música da igreja evangélica da Assembleia de Deus, ao primeiro dia de aula, é feita uma apresentação explicando como funcionará as disciplinas e os conteúdos que serão aplicados, para mim se tornou um desafio, pensar em maneiras que facilitariam a aprendizagem dos alunos, principalmente com a entoação das notas. O método que utilizamos nas aulas é o do solfejo do pedagogo Edgar Willems, e um dos primeiros exercícios simples realizados, foi o descrito abaixo.

Figura 5 - Exercício melódico



Fonte: Willems, Simões, 1995, p.41

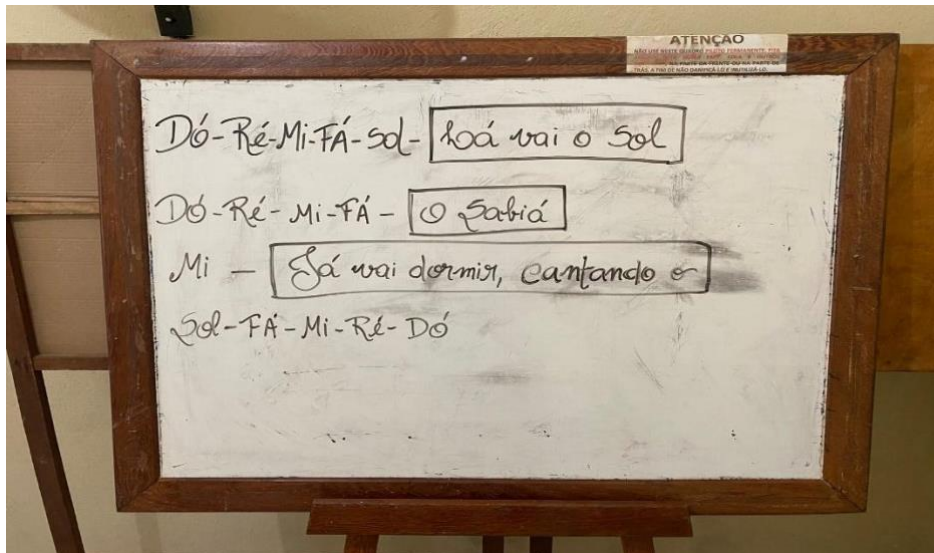
Inicialmente, os alunos sentiram dificuldades por ser algo diferente, muitos já afirmavam que não sabiam cantar, e de fato uma das maiores dificuldades que pude perceber, foi com a entoação. Por mais que sejam notas em graus conjuntos, muitos alunos sentiam bastante dificuldades em manter a afinação. Duas alunas da turma, particularmente, demonstraram ainda mais dificuldade que os demais alunos, por haver mais meninos que meninas na turma, elas se perdiam bastante na afinação, pois se guiavam muitas vezes pelas vozes masculinas. Além disso, a timidez e insegurança também eram um dos motivos, que as atrapalhavam na execução. Durante a graduação, as disciplinas de canto coral e também de Metodologia do Ensino da Música, foram cruciais, para que eu pudesse desenvolver métodos que ajudassem com as aulas na escola de música da Assembleia de Deus. Através dessas disciplinas, eu pude ver formulas de superar as minhas dificuldades, e como pude usar dessa superação para poder ajudar aos alunos. Por exemplo, nas aulas de canto coral, como anteriormente mencionado, pude ver que os alunos apresentaram dificuldades semelhantes com as que tive, e através dessas disciplinas, pude aplicar os conhecimentos que foram adquiridos, nas aulas lecionadas.

Nessas disciplinas respectivamente, foram passados exercícios que ajudariam com a afinação, como pequenas melodias, mencionadas no tópico 3.2, através dessas melodias, ajudaria na entoação das 5 primeiras notas, Dó, Ré, Mi, Fá e Sol, escrevi no quadro e cantei a melodia duas vezes, para que eles pudessem ter a noção de como seria, logo após, eles reproduziram a melodia, das duas citadas, uma das alunas, ainda permaneceu com dificuldades com execução do exercício, já a outra, mesmo com algumas imperfeições, conseguiu se sair muito melhor, pois ela conseguiu memorizar as alturas das notas, e quando voltou aos exercícios de solfejo, ela se saiu muito melhor do que antes.

Em relação aos demais alunos, com as repetições do exercício, eles também conseguiram memorizar a altura das notas, e como diz em Mateiro e Ilari, a respeito do pedagogo Edgar Willems, sobre o canto, ele diz que é fundamental para a iniciação musical. (Mateiro e Ilari, 2011, p.103). O exercício seguinte era o de aquecimento vocal, como já citado, através desses aquecimentos que ajudam no fortalecimento da voz e também na questão da afinação. Ao trabalhar com eles dessa forma, vi que conseguiram assimilar muito melhor a questão da altura das notas, que

para muitos estava sendo uma dificuldade, e depois dos exercícios eles conseguiram entoar de uma forma melhor e com mais atenção.

Figura 6 - Exercício aplicado em sala de aula



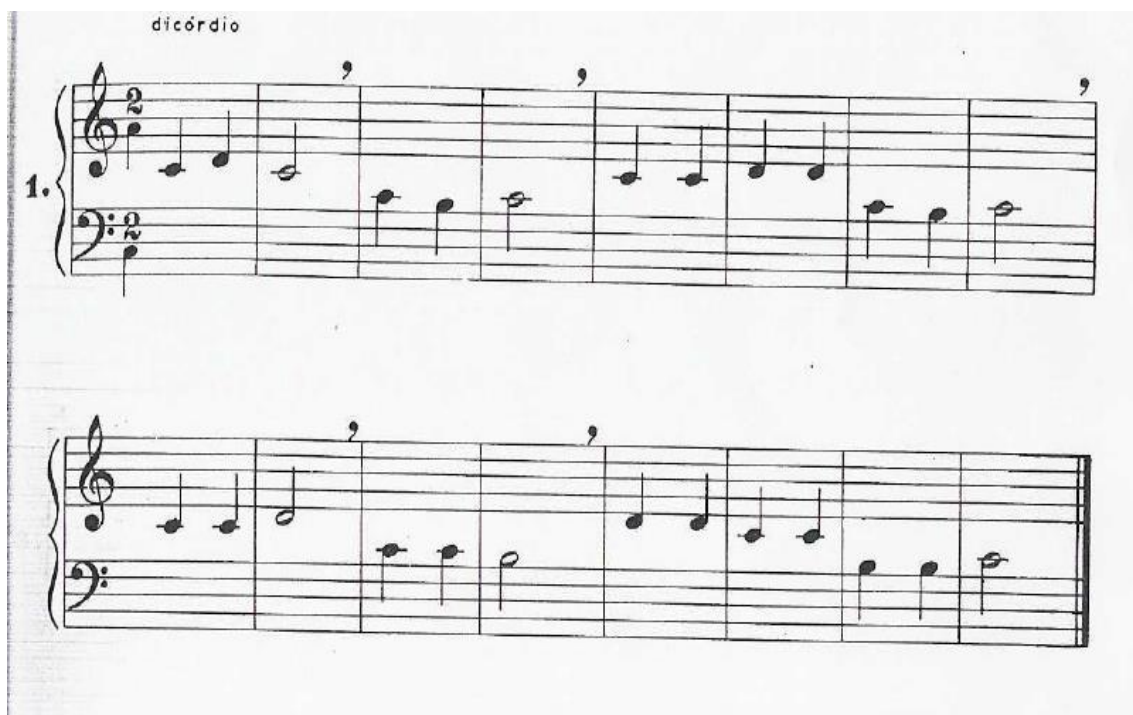
Fonte: Autoria própria

Por ser uma disciplina mais recente na escola de música da Assembleia de Deus, ainda não teve uma turma que concluiu todos os módulos de solfejo, porém, no segundo e terceiro módulo, são aplicados exercícios que possam trabalhar a leitura nas duas claves, a maioria dos alunos tocam instrumentos que utilizam a clave de sol, poucos na clave de fá, então, procurando uma maneira de incentivar a leitura em diferentes claves, trouxe a aula, a proposta da leitura em duas claves, de sol e fá, a princípio, muitos já falavam que não iriam conseguir fazer por não ter prática na clave de fá, e um dos alunos mostrava muita insegurança nos exercícios e confundia bastante as notas da clave de Fá com a clave de Sol, na qual essa pessoa já estava acostumada.

Nos meus planejamentos, essa aula seria mais simples, mas apesar das situações, pude perceber que a maior dificuldade apresentada por eles era justamente a clave, pois o exercício era de notas uníssonas e graus conjuntos, então, pacientemente, os mostrei que no exercício proposto, ou eram notas anteriores, ou notas uníssonas, as que apareciam na clave de Fá, e eles conseguiram compreender a proposta do exercício, também mostrei aquele aluno que demonstrou mais

dificuldades, que não era tão complexo quanto imaginava, e dessa forma a leitura a duas claves foi se aperfeiçoando, então o que para muitos, era difícil, acabou se tornando simples.

Figura 7 - Exercício de solfejo



Fonte: Willems, Simões, 1995, p.35

Teoria – No que diz respeito às aulas de teoria na escola de música da igreja da Assembleia de Deus, as disciplinas mencionadas anteriormente durante minha graduação, tanto percepção musical quanto metodologia do ensino da música, foram cruciais para meu aprendizado. Pude aplicar esse conhecimento como docente. Nessas disciplinas, muitas vezes reaprendemos certos conceitos musicais, conforme já citado no tópico 3.2. É muito interessante ter perspectivas diferentes sobre determinados assuntos, pois, como docente, isso amplia as possibilidades de contribuir com o conhecimento musical dos alunos. Além disso, os conhecimentos que já possuía foram de grande valia.

Nas aulas ministradas na igreja, buscamos abordar os assuntos teóricos de maneira prática, visando facilitar a compreensão dos alunos. Durante as primeiras aulas, recordo que foram feitos alguns questionamentos, como: qual é a diferença

entre as figuras musicais? Por que não podemos utilizar figuras com valores superiores ao compasso solicitado? Ao iniciar a explicação sobre as figuras de som, percebi que um aluno, entre todos da turma, demonstrou maior dificuldade. As explicações iniciais não foram suficientes para que ele entendesse que cada figura possui uma duração específica.

No entanto, as aulas que aprendi durante o curso foram bem úteis. A metodologia trabalhada em percepção, que envolve sentir as figuras musicais por meio do corpo, ajudou a turma a captar melhor o conteúdo. Esse aluno que apresentava maior dificuldade também se saiu bem quando realizamos exemplos práticos. Com o decorrer do semestre, as dúvidas começaram a diminuir, e pude perceber que os assuntos abordados estavam sendo melhor compreendidos.

Nos outros módulos, dois, três e quatro, as aulas de teoria continuam, mas, assim como nas disciplinas anteriores, apresentam graus diferentes de complexidade ao serem iniciadas. Consequentemente, surgem dúvidas dos alunos sobre determinados assuntos, como escalas. Antes de abordar esse tema, refleti sobre como apresentá-lo, pois, ao iniciar meus estudos em escalas, enfrentei dificuldades. Com os alunos, pensei em fórmulas de facilitação.

A princípio, coloquei no quadro a escala modelo, que é a de Dó Maior, e mostrei como identificá-la e utilizá-la como base para encontrar as demais escalas. Percebi que a turma ainda tinha dúvidas, e um aluno, em particular, demonstrou maior dificuldade, pois não conseguia entender como funcionavam as escalas e como montá-las.

Então, adotei uma nova abordagem para ajudá-lo. Coloquei no quadro a ordem das armaduras, tanto de sustenido quanto de bemol, e expliquei que, no caso de sustenido, deve-se pensar na nota seguinte, enquanto para bemol, deve-se considerar a nota anterior. Apresentei exemplos práticos. Embora as dúvidas ainda persistissem inicialmente, com a prática frequente dos exercícios, elas foram diminuindo. Ao longo das aulas, pude observar que aquele aluno, que antes apresentava dificuldades com as escalas, começou a compreender melhor e a se desenvolver significativamente.

Instrumento – As aulas de instrumento, especificamente de clarinete, foram uma das primeiras que ministrei na escola de música da igreja evangélica da Assembleia de

Deus. Transmitir conhecimento sobre meu instrumento sempre foi muito prazeroso e desafiador, considerando que recebi alunos de diversas faixas etárias, tanto mais velhos quanto mais novos que eu.

As aulas de instrumento são coletivas. Na primeira aula do primeiro módulo, assim como nas demais disciplinas, inicio com uma apresentação da disciplina, explicando como serão as aulas e os conteúdos que abordaremos ao longo do semestre na escola de música. Ainda na primeira aula, faço uma apresentação detalhada do instrumento, explicando suas partes: campana, corpo inferior, corpo superior, barrillete, boquilha e palheta. Também enfatizo a importância da palheta, que é essencial para a emissão de som no instrumento, um conhecimento que muitos alunos não possuem ao chegarem.

Continuo as próximas aulas apresentando o exercício da boquilha, que consiste em utilizar apenas a boquilha e a palheta, permitindo que os alunos tenham seu primeiro contato com a sonoridade do instrumento. Para a demonstração, realizo o exercício pela primeira vez e explico que, para esse contato inicial, pensar em soprar como se estivesse inflando um balão de ar pode ser eficaz. Mostro a embocadura do instrumento e, em seguida, peço que os alunos tentem.

Esse primeiro contato costuma ser mais desafiador, especialmente pela dificuldade em soprar corretamente. Lembro de um aluno que se destacou, pois, enquanto para muitos esse momento era trabalhoso, para ele foi bastante tranquilo. Ele conseguiu compreender a técnica de soprar, pensando no balão, e conseguiu produzir um bom som através da boquilha.

Visando a resistência sonora, muitos alunos chegam sem experiência com o instrumento, enfrentando tudo como novidade. Eles precisam se habituar para que isso se torne algo comum. Como uma forma de descontração, pedi que os alunos soprassem na boquilha pelo maior tempo possível, criando uma competição saudável para ver quem conseguia permanecer soprando por mais tempo. A euforia entre eles era evidente, todos animados para ver quem conseguiria o maior tempo. Essa dinâmica foi pensada com o objetivo de trabalhar a respiração e aumentar a resistência sonora dos alunos.

Logo após os exercícios com a boquilha, introduzo gradualmente o restante do instrumento, como o barrillete, o corpo superior, o corpo inferior e a campana. Em cada etapa, explico a finalidade dos exercícios previamente realizados, ressaltando que

eles ajudam os alunos a desenvolverem maior resistência para soprar com o instrumento completamente montado. Para a primeira nota, que é a mais fácil de emitir, peço que toquem o sol (G), que está na região média do instrumento. É extremamente gratificante observar seu progresso, pois eles respondem bem às atividades propostas.

Nos primeiros e segundos módulos, os alunos vivenciam conceitos básicos do instrumento. Além do que já foi apresentado, eles começam a aprender a digitação e são introduzidos a um método para trabalhar a leitura de partituras. Como mencionado no tópico 3.1, esse método também auxilia no desenvolvimento técnico dos alunos, especialmente aqueles que estão iniciando no clarinete.

A princípio, percebi que dois alunos enfrentavam dificuldades na leitura de partituras, mesmo após algum contato prévio. Para ajudá-los, utilizei uma metodologia baseada em melodias para facilitar o aprendizado. Desenvolvi uma pequena canção que identificava as linhas (Mi, Sol, Si, Ré e Fá) e os espaços (Fá, Lá, Dó e Mi) da partitura na clave de Sol. Com essa abordagem, pude observar que os dois alunos compreenderam muito melhor e começaram a aplicar o que aprenderam. Esse exercício foi reforçado ao longo de três semanas, e, após essa constante repetição, os alunos conseguiram aprimorar significativamente suas habilidades de leitura.

O método utilizado nas aulas de clarinete consiste em exercícios adaptados à iniciação no instrumento. Esses exercícios começam com notas da região média e prosseguem gradualmente. Abaixo, segue um exemplo de um dos exercícios.

Figura 8 - Exercício do método de clarinete



Nos módulos três e quatro, são introduzidos aos alunos exercícios de afinação. As notas agudas costumam ser uma dificuldade na jornada de estudos. O exercício aplicado pelo professor, mencionado anteriormente, foi uma forma de auxiliar os alunos a pensar e cantar as notas antes de reproduzir a sonoridade.

Um dos alunos, que tinha dificuldades para emitir a nota Dó do quinto registro, frequentemente falhava. Então, sugeri que ele realizasse esse exercício e demonstrei a técnica, repetindo-a quatro vezes. A princípio, a ideia de cantar para melhorar a emissão da nota soou estranha para ele. No entanto, após essa prática, ele começou a compreender a proposta do exercício e passou a reproduzir as notas com mais precisão. Com a prática constante, ele percebeu que as notas agudas estavam se tornando mais fáceis de emitir e com uma melhor afinação.

Além disso, trabalha-se com os alunos o repertório musical da banda da igreja, pois a finalidade do curso é prepará-los para integrar esse grupo musical. Através dessas peças, eles podem aplicar na prática tudo o que vivenciam nas aulas, como técnicas, afinação e leitura constante de partituras. Nos últimos módulos, é dado um incentivo especial a essa prática musical.

Um aspecto interessante que me chamou a atenção na dissertação de Castro foi o tópico "Benefícios Extra-Musicais no Aspecto Interpessoal". Ele menciona que:

Outro fator que parece tornar a Música uma atividade especialmente indicada para fins de socialização é sua característica "democrática": o professor habilitado tem a possibilidade de realizar um arranjo musical que permite que alunos iniciantes, tendo participado de poucas aulas de Música, toquem junto de aprendizes que estejam em estágios mais avançados, havendo as horas determinadas para que cada aluno toque e as outras nas quais devem apenas ouvir o colega. E a salva de palmas no final é para o grupo, e não apenas para um aluno. Não se define quem foi o campeão, porque, de fato, não há um campeão, mas sim vários, sendo um "jogo onde todos ganham". Na Música não há pódio, mas sim um palco compartilhado pelos artistas. (Castro, 2007, p.77)

Isso demonstra que, além da aprendizagem musical, os alunos também têm a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais para a convivência em sociedade, como a capacidade de fazer perguntas, lidar com críticas, solicitar mudanças de comportamento e cooperar. Essas habilidades são fundamentais. Ademais, o termo abrange também o aumento da inclusão social, referindo-se à

ampliação do acesso a oportunidades culturais, educacionais e profissionais (Castro, 2007, p. 76).

3.4 Reflexões sobre a experiência como docente e discente

As experiências como docente e discente tiveram ligações importantes, que enriqueceram na minha formação acadêmica. Ao dar aulas, pude ver áreas que precisavam de melhorias na minha abordagem pedagógica, e também pude refletir sobre como as teorias que foram estudadas se aplicam a realidade do ensino musical na igreja. E essa interação entre a teoria e prática foi extremamente fundamental para o meu desenvolvimento como professor. Além de, as aulas lecionadas na igreja me ajudaram bastante com a questão da timidez, no que se trata de trabalhos acadêmicos que precisavam ser apresentados em público, foram se tornando menos desesperadores, a prática como docente ajudou, a ter mais segurança e falar na frente de mais pessoas.

Num todo, essas experiências acumuladas como docente em uma aula de música ofertadas na igreja evangélica da Assembleia de Deus, e como discente no curso de Licenciatura em música da universidade federal de Pernambuco, proporcionaram uma grande compreensão do processo educativo em música. A junção entre esses dois papéis, acrescentou tanto a prática pedagógica quanto a formação teórica, dando um importante destaque a absorver conhecimento e experiência.

É importante reconhecer que nem todas as situações ocorrerão de maneira ideal. Haverá momentos em que grupos minoritários ou majoritários de uma turma não conseguirão absorver o conteúdo abordado. Como docente responsável, é fundamental buscar estratégias que possam atender a todos esses alunos. Embora seja um desafio, o conhecimento mais profundo sobre a turma permite identificar metodologias que se adaptem melhor às suas necessidades.

Assim é visível que a formação crítica e a reflexão crítica são fundamentais para o desenvolvimento de uma prática docente produtiva, que seja capaz de promover um ambiente de aprendizado que tenha a valorização da música não apenas como técnica, mas também como uma forma de expressão emocional, que conecta as pessoas e também transmite sentimentos profundos.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia a importância dada à música em certas instituições religiosas, como a igreja evangélica da Assembleia de Deus. Como foi relatado, ao longo dos módulos do curso de música da igreja, observou-se que a prática musical vai além do aprendizado de técnicas instrumentais; ela também contribui significativamente para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos que assim frequentam.

A inclusão social, um aspecto importante no ensino da música, aumenta o acesso a oportunidades culturais e educacionais, permitindo que os alunos se sintam parte de um contexto maior (Barreto, 2022). Nesse sentido, o ensino musical se torna uma grande ferramenta para a formação de indivíduos mais conscientes e socialmente engajados.

Os métodos pedagógicos apresentados por importantes educadores musicais, como Émile Jaques-Dalcroze, Edgar Willems e Carl Orff, embasam as práticas utilizadas nas aulas de música, pondo em evidência a interligação entre música, linguagem e movimento. Essa abordagem total do ensino musical tem se mostrado benéfica, não apenas para o desenvolvimento técnico dos alunos, mas também para a formação de um cidadão mais crítico e ativo.

As metodologias aplicadas na escola de música da igreja têm mostrado-se eficazes na promoção do aprendizado, permitindo que os alunos pudessem desenvolver habilidades práticas e teóricas fundamentais. Mas a experiência acadêmica adquirida durante a Licenciatura em Música foi crucial para a minha condução das aulas, pois me ajudou a buscar uma abordagem pedagógica mais estruturada e coerente.

As interações entre a minha vivência como professor na igreja como aluno na Licenciatura foram valiosas. Assuntos estudados na universidade exerciam um papel direto sobre meu desempenho e minhas experiências como docente. Ou seja, a troca entre os dois ambientes acontecia de forma para mim palpável. Adicionalmente, eu pude ver meu trabalho na escola da igreja, que já era de longa data, de novas perspectivas. Eu pude repensar formas de ensinar, de lidar com situações de sala de aula. Isso me trouxe uma sensação de ter mais possibilidades, de haver mais opções disponíveis para mim como professor.

A experiência de ensinar música nessa escola de uma igreja evangélica da Assembleia de Deus, enquanto cursando Licenciatura em Música, não apenas ampliou o conhecimento dos alunos, mas também enriqueceu minha trajetória profissional, reafirmando meu compromisso com a educação musical e a formação de cidadãos mais críticos e comprometidos. Essa rica vivência reforçou a importância do ensino de música nas comunidades religiosas, demonstrando que, além da técnica, a música é um instrumento muito poderoso para transformação social e pessoal.

Vejo possibilidades para futuros estudos sobre a formação musical em igrejas evangélicas. Os conhecimentos adquiridos por alunos nos cursos superiores de música podem ser usados para levar o ensino de música nas igrejas a níveis cada vez mais avançados, e seria valioso investigar, por exemplo, caminhos metodológicos apropriados para tal ensino.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Silas Alves da Silveira. **O papel da Escola de Música Êxodo, da igreja evangélica Assembleia de Deus, na iniciação de três músicos profissionais da cidade do Natal-RN.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BENITES, Larissa Cerignoni. Identidade do professor de educação física: um estudo sobre os saberes docentes e a prática pedagógica. 2007. viii, 188 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2007.

COSTA, Patricia. Coro juvenil nas escolas: sonho ou possibilidade. **Música na educação básica**, v. 1, n. 1, 2009.

CASTRO, Pablo Y. et al. Os benefícios psicológicos da aula de música: um estudo científico com adolescentes de 5as e 6as séries do ensino público brasileiro. **Mestrado em Música. UNICAMP. Campinas. SP**, 2007.

IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto et al. Identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. *Revista eletrônica de educação*, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, v. 30, n. 63, p. 413-438, 2007.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. *Formação Docente - Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz Senoi. *Pedagogias em educação musical*. 2011.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista práxis educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

NASCIMENTO, Marco Antonio Toledo. Método elementar para o ensino de instrumentos de Banda de Música “Da Capo”: um estudo sobre sua aplicação. 2007. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Ana Paula Gomes LOPES, Yan Karen Silva DE OLIVEIRA, Bárbara Pimenta de A importância da música na educação infantil *Revista Educação Ensino* ISSN 2594 4444 v 4 n1 2020.

OLIVEIRA, Cleodiceles Branco Nogueira de. **A prática do canto coral infantil como processo de musicalização**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

OLIVEIRA, Daiane Aparecida Araújo de. Educação Musical das vivências ao desenvolvimento da musicalidade de crianças. 2020. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade de Brasília.

PAULA, A. C. de; SILVA, C. F. da F.; ALEXANDRE, F. M.; OLIVEIRA, V. de; VAGETTI, G. C. Desempenho cognitivo entre idosos participantes e não participantes de canto coral. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 78-86, 2022. DOI: 10.5335/rbceh.v19i1.11017.

PENNA, Maura. A função dos métodos e o papel do professor: em questão, “como” ensinar música. In: Mateiro, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpx, 2011.

PORTER, Neal; WEBER, Fred. Clarinet Student: Level one (Elementary). Alfred music, 2001.

POZZOLI, Heitor. Guia teórico prático, séries 1 a 5. São Paulo: Ricordi Brasileira SA, v. 1, n. 10, 1983.

RICHARTZ, Terezinha. Metodologia ativa: a importância da pesquisa na formação de professores. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 13, n. 1, p. 296-304, 2015.

ROCHA, Luiz Renato da Silva Entre o secular e o cristão Discutindo a formação do músico evangélico Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento Ano 04 Ed 11 Vol 04 pp 136 158 Novembro de 2019.

SOUZA, Joarib Assembleia de Deus em Pernambuco: um século de pentecostes/ Joarib Souza e Josafá Santos. - Recife: Bereia Editora, 2018.

SOUZA, Joelson Carvalho et al A influência das emoções no aprendizado de escolares **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** v 101 p 382 403 2020.

SOUZA, Luciana Santos de et al A importância da música na Educação Infantil uma análise baseada em evidências Revena **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem** v 6 p 429 436 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. Disponível em: <https://www.ufpe.br>. Acesso em: 10 out. 2024.

WILLEMS, Edgar. Solfejo: curso elementar (adaptação portuguesa de Raquel Marques Simões). São Paulos: Fermata do Brasil, 1967.

